



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

DENISE PEREIRA GOMES

**CIDADES HISTÓRICAS DE MONTE DO CARMO – TO E NATIVIDADE - TO E
AS FESTAS RELIGIOSAS**

**PALMAS - TO
2021**

DENISE PEREIRA GOMES

**CIDADES HISTÓRICAS DE MONTE DO CARMO – TO E NATIVIDADE - TO E
AS FESTAS RELIGIOSAS**

Monografia foi avaliada (o) e apresentada (o) à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Palmas, Curso de Licenciatura em Teatro para obtenção do título de Licenciada em Teatro e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Prof. (a) Dr. (a) Roseli Bodnar.

**PALMAS - TO
2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

G633c Gomes , Denise Pereira .
 Cidades históricas de Monte do Carmo - To e natividade - To e as festas
 religiosas. . / Denise Pereira Gomes . – Palmas, TO, 2021.
 42 f.

 Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
 Universitário de Palmas - Curso de Artes, 2021.
 Orientadora : Roseli Bodnar

 1. Cidade histórica . 2. Monte do Carmo. 3. Natividade. 4. Festejos. I.
 Título

CDD 790

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

DENISE PEREIRA GOMES

CIDADES HISTÓRICAS DE MONTE DO CARMO – TO E NATIVIDADE - TO E AS FESTAS RELIGIOSAS

Monografia foi avaliada (o) e apresentada (o) à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Palmas, Curso de Licenciatura em Teatro para obtenção do título de Licenciada em Teatro e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 25 /09/2021

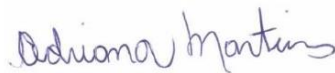
Banca Examinadora



Prof. Dra. Roseli Bodnar, UFT, (Orientadora)



Prof. Dra. Raquel Castilho Souza, UFT



Prof. Dra. Adriana dos Reis Martins, UFT

**PALMAS – TO
2021**

*Dedico este trabalho a minha maior
riqueza, minha filha Júlia Gomes, minha
mãe Benedita Gomes da Silva e demais
familiares que sempre apoiaram o meu
crescimento.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus por ter me concedido o dom da vida de chegar até aqui, apesar de todos os obstáculos que tive no meu período de formação. Estendo meus agradecimentos a minha mãe Benedita Gomes que sempre acreditou em mim, me incentivando durante a minha formação acadêmica. Mãe, sou eternamente grata.

A minhas primas Ivanildes Ribeiro, Irani Ribeiro e Fablynne Yanne, por todas as palavras de incentivo e encorajamento que me deram durante todo o meu percurso. Vocês foram peças fundamentais para todo esse processo ser realizado.

A minha avó Fausta José dos Santos (*in memoriam*) e meu tio Francisco Gomes da Silva (*in memoriam*), pois sou sabedora da paixão que tinham pela cultura da cidade de Monte do Carmo - TO.

Aos meus amigos de faculdade Mylena Brito, Nara Lopes, Markelaine Batista e Ronalda Pinto, por aturar todos os meus surtos e reclamações diante desse TCCe por estarem sempre me apoiando. Agradeço aos amigos José Cleiton e Karoline, que por várias vezes me ouviram falar em desistir e estavam sempre ali com palavras de conforto e incentivo.

Por fim, não menos importante, agradeço toda à Universidade Federal do Tocantins – UFT e ao Curso de Licenciatura em Teatro, na pessoa da minha orientadora Profa. Dra. Roseli Bodnar e da banca de defesa Profa. Dra. Adriana Martins e Profa. Dra. Raquel Castilho Souza. Estendo ainda meus agradecimentos a todos do corpo estudantil, por esses anos de companheirismo, conhecimento e descoberta. Os levarei para sempre por onde quer que eu vá.

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo refletir sobre o potencial das cidades históricas de Monte do Carmo e Natividade, ambos municípios do Estado do Tocantins, em atrair visitantes e agregar fiéis da comunidade nos festejos religiosos, já considerados parte da cultura local. O objetivo é conhecer a história dos dois municípios, seus processos de tombamento como cidades históricas e seus festejos religiosos. Parte-se de uma questão norteadora, em que se questiona se as cidades de Monte do Carmo – TO e Natividade - TO possuem festas religiosas importantes para seus municípios e para o Estado do Tocantins? Como hipótese, acredita-se que sim, pois verifica-se ao longo dos anos uma continuidade dos festejos de geração em geração e o crescimento a cada ano nas cidades. O trabalho destaca a partir de uma pesquisa bibliográfica e de relatos de pessoas residentes nas duas cidades citadas.

Palavras-chave: Cidades históricas; Cultura; e os festejos religiosos.

ABSTRACT

The present work has as object of study to reflect on the potential of the historic cities of Monte do Carmo and Natividade, both municipalities in the State of Tocantins, in attracting visitors and gathering community faithful in religious festivities, already considered part of the local culture. The objective is to learn about the history of the two municipalities, their registration processes as historic cities and their religious festivities. It starts with a guiding question, in which the question is whether the cities of Monte do Carmo - TO and Natividade - TO have important religious festivals for their municipalities and for the State of Tocantins? As a hypothesis, it is believed that yes, because over the years there has been a continuity of celebrations from generation to generation and the growth each year in the cities. The work stands out from a bibliographical research and reports from people residing in the two cities mentioned.

Keywords: Historical cities; Culture; and the religious celebrations.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Igreja de Nossa Senhora do Carmo.....	23
Figura 2 - Interior da Igreja de Nossa Senhora do Carmo.....	24
Figura 3 - Igreja de Nossa Senhora dos Pretos.....	25
Figura 4 - Igreja de Nossa Senhora do Carmo.....	28
Figura 5 - Imperador e Imperatriz Mirim	30
Figura 6 - Fundo do quintal no sítio Jacuba	40

LISTA DE SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia Estatística.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

SECULT - Secretaria de Estado de Cultura.

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso.

UFT - Universidade Federal do Tocantins.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	12
2. CIDADES HISTÓRICAS DO TOCANTINS: MONTE DO CARMO E NATIVIDADE	14
2.1. Monte do Carmo – TO.....	14
2.2 Natividade – TO	17
3. TOMBAMENTO DAS CIDADES E DAS IGREJAS EM MONTE DO CARMO – TO E EM NATIVIDADE – TO	20
3.1. A cidade histórica de Monte do Carmo - TO	22
3.2. A cidade histórica de Natividade - TO	24
4. TURISMO RELIGIOSO E OS FESTEJOS EM MONTE DO CARMO – TO E NATIVIDADE – TO	27
4.1 Festas religiosas em Monte do Carmo – TO	27
4.2 Festas religiosas em Natividade – TO	33
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS	12
REFERÊNCIAS	43

1.INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Tocantins – UFT, no Campus de Palmas, teve como objeto de estudo refletir sobre o potencial das cidades históricas de Monte do Carmo - TO e Natividade – TO. Na atração que tem com os fiéis e visitantes durante os festejos, essas cidades possuem igrejas históricas e festas religiosas atrativas.

Parte de uma questão norteadora, em que indaga: se as cidades de Monte do Carmo – TO e Natividade - TO possuem festas religiosas importantes para seus municípios e para o Estado do Tocantins? Como hipótese, acredita-se que sim, pois verifica-se ao longo dos anos uma continuidade dos festejos de geração em geração e o crescimento deles a cada ano nas duas cidades.

Para conhecermos um pouco mais desses locais aborda-se a história das duas cidades: Monte do Carmo – TO e Natividade – TO, o processo de patrimônio de suas igrejas e um relato sobre suas principais festas é calendários.

Optei por esse tema devido Monte do Carmo ser minha cidade natal. Local em que vivi desde o meu nascimento até os meus 18 anos de idade, onde tive que sair para buscar algo a mais para minha vida. Monte do Carmo para mim tem um significado muito importante na minha vida, foi lá que tive acesso às primeiras festas religiosas. Minha mãe é assídua nas missas e nos festejos da cidade, assim, eu e meus irmãos crescemos acompanhando-a nessas celebrações de fé e festivas.

Sou a mais velha de uma família de quatro filhos, lembro como hoje minha mãe fazia questão de nos direcionar até Porto Nacional, cidade que fica a 40 km da cidade, para comprar roupa para irmos no festejo, todas iguais, pois dizia que era para não ter briga. Minha mãe comprava o tecido e minha tia costurava as roupas. Assim todo festejo eu e meus irmãos íamos com roupas do mesmo tecido, não raro no mesmo modelo, somente de modelos de meninas e meninas. Hoje em dia, pode parecer muito estranho, mas naquela época não importávamos com isso, queríamos era ir para os festejos encontrar os amigos e familiares. Recordo-me de uma fala dela em que sempre dizia: “O festejo de Nossa Senhora do Carmo é somente uma vez no ano”, então todo ano na época de julho íamos na cidade vizinha comprar as roupas para essa festividade.

A cidade possui um calendário anual de festas, iniciando no mês de janeiro com a festa de Santos Reis e finalizando em novembro com a festa de Nossa Senhora do Rosário. Sempre participei desses momentos de fé e festa na cidade, pois era uma oportunidade de

encontrar os amigos e primos que moravam fora da cidade. Recordo principalmente que no mês de julho, data do festejo mais extenso da cidade, festa de Nossa Senhora do Carmo – Padroeira da cidade e festa do Divino Espírito Santo, sempre a cidade encontrava-se lotada de conterrâneos que retornam ao município de férias e muitos visitantes.

Na casa da minha avó Fausta (*in memoriam*) localizada atrás da igreja matriz, reuniam-se os primos para brincarem com jogos tradicionais como: pique esconde, bete, futebol etc. Chega a ser até engraçado as palavras da minha avó quando estava perto de começar a missa. Como criança queríamos somente brincar e brincar, matar a saudade dos primos/amigos que moravam longe. Ela usava a seguinte frase: ‘bora se arrumar para ir na missa se não Deus castiga’. A missa para ela era o evento mais importante que qualquer coisa nessa vida.

Com o passar dos anos, com um olhar mais amadurecido em relação aos festejos, fui me apaixonando cada vez mais por esses momentos de fé e devoção no nosso município. As festividades que ocorrem em Monte do Carmo - TO são muito parecidas com as que ocorrem em Natividade – TO, distante cerca de 200km, do nosso município. Destacam-se as folias e os festejos do Imperador Mirim. As duas cidades citadas têm um calendário festivo durante todo o ano, levando sempre a fé e devoção aos fiéis que acompanham e participam das programações, tanto os munícipes como os visitantes.

Participar desses festejos, tanto em minha cidade como em Natividade me deram a dimensão da religiosidade e da fé na vida das pessoas desses lugares e, obviamente, também seus visitantes de outros lugares. Pude perceber que as festas têm como propósito principal a propagação da fé, ou seja, um momento de compartilhar os princípios cristãos, a devoção aos santos, por meio de atos que rememoram conceitos e preceitos do cristianismo para todos os devotos.

A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica, realizado também relatos de pessoas das duas comunidades onde contam sobre as festas é a criação das cidades.

2. CIDADES HISTÓRICAS DO TOCANTINS: MONTE DO CARMO E NATIVIDADE

Cidades históricas são aquelas que agregam valor histórico e cultural, como: casas, igrejas e outras edificações históricas, tendo um significado próprio para aquele lugar e aquela comunidade, aquele município e/ou estado, aquela nação. Ainda pode se constituir como um patrimônio mundial. Algumas dessas cidades existentes hoje não são necessariamente as primeiras construções do local, podendo ter sido destruídas e parcialmente reconstruídas, até chegar ao formato em que foi tombada para garantir sua permanência para as futuras gerações.

O traçado das ruas de uma cidade antiga geralmente é de ruas estreitas, com becos que servem mais para locomoção antiga que se fazia a pé, a cavalo e com carroças. As casas, em geral, se assemelham com suas fachadas coloridas, seus pátios internos em formato de U ou de L, com quintais amplos e arborizados.

Essas cidades nos contam histórias, de onde viemos, como chegamos até os dias atuais, por qual processos passamos até hoje, podendo levar esse legado as futuras gerações, sejam elas do local ou não. Portanto, preservá-las é também guardar traços da nossa identidade individual e coletiva, as memórias, personalidades históricas, personagens populares, os preceitos católicos e os fenômenos da fé, seguidos pelos fiéis que conservam e reatualizam a tradição cristã, sobretudo, por meio dos festejos religiosos.

O que nos faz reviver a história e a memória são laços que se estabelecem com esses locais: suas igrejas, seus monumentos e as festas religiosas ocorridas, como é o caso do que se vivencia em Monte do Carmo e Natividade.

2.1. Monte do Carmo – TO

É um município brasileiro localizado no estado do Tocantins, a 89 quilômetros da capital Palmas. Segundo o censo 2020 tem uma população estimada em oito mil habitantes. Em relação a religiosidade, Silva (2019, p.125) afirma que o censo registra 5.509 habitantes como católicos e 1.134 como evangélicos, o que significa uma expressiva maioria do catolicismo como prática religiosa no município.

Localizada na região central do estado, faz divisa com as cidades de Porto Nacional, Ponte Alta do Tocantins, Silvanópolis e Santa Tereza. A cidade possui vários assentamentos ao seu redor, perfazendo um total de nove.

[...] está localizado na região central do estado, a uma altitude média de 295 m. Tem uma área total de 3.359,7 km² e uma densidade demográfica de 1.62 h/km². Monte do Carmo é um dos caminhos para o Jalapão e dispõe de rodovia asfaltada (MONTE DO CARMO – TO, 2021).

A história da cidade começa a partir do descobrimento das minas de ouro no território goiano, na primeira metade do século XVIII. Desde o ano de 1738, já se ouvia notícias deste arraial, porém foi fundado pelo bandeirante Manuel de Sousa Ferreira no ano de 1741, na confluência dos ribeirões: Matança que hoje é conhecido como córrego Água Suja, até o córrego Sucuri que abastece a cidade.

A princípio subordinadas à capitania de São Paulo, as jazidas de Goiás foram surgindo e se espalhando do sul para o norte, em regiões distantes e de acesso difícil, dando origem a arraiais que se firmavam ou desapareciam, conforme a quantidade de ouro encontrada nos rios ou córregos (SILVA, 2019, p.125)

O Arraial de Nossa Senhora do Monte do Carmo que alguns anos após o seu início, se tornou um núcleo populoso, abrigava em seu seio entre outros elementos importantes, o Padre José Faustino da Gama, que em outubro de 1805, veio a falecer deixando em seu testamento, algumas oitavas de ouro para ser construída próximo a sua residência, uma capela com a invocação de Nossa Senhora das Mercês (IBGE, 1982).

A povoação deve sua origem ao influxo das grandes minerações de ouro. E por isso, ficou sendo conhecida na época como um 'El Dorado', de fortuna exuberante para os exploradores, na maioria portugueses auxiliados pelo braço escravo (IBGE, 1982).

A serra do Carmo, de braços abertos, como uma grande manjedoura, é a célula mãe de todo o acontecimento da fundação de Monte do Carmo. Resiste há milênios, elegante e ostensiva, calada como um altar inerte. Mutilada pela mão de obra escrava nos séculos XVIII e XIX. Ficou fundamentada aqui a comoção extrativista do ouro, que construiu uma exuberante história de nobreza, muito embora o outro lado tenha sido muito triste e desumano. (ALVES, 2009, p. 18).

Nos primeiros tempos a cidade foi chamada por diversos nomes como explica a pesquisadora Sousa (2017).

[...] a cidade passou por várias nomenclaturas. De 1936 a 1937 ganhou-se o nome de Nossa Senhora de Monte do Carmo, tempos depois com o Decreto Lei estadual no 1233 retoma ao antigo nome, Carmo. Já em 1943, a partir da Lei Estadual n. 8305, passa para a ser chamada de “Tairuçu”, contudo, a população não aprovou essa nomenclatura e novamente volta a se chamar Monte do Carmo, esta ocorreu em 23 de outubro de 1963, conforme Lei Estadual n. 4708 (SOUSA, 2017, p. 16).

Em 1911, de acordo com a divisão administrativa nacional, o Arraial do Carmo passou a ser distrito de Porto Nacional. Somente em 1920 recebeu a denominação de Monte do Carmo (IBGE, 1982).

Pela Lei n. 4.708 de 23 de outubro de 1963, o distrito conseguiu a sua emancipação política, pelos vereadores Moisés Rodrigues e Durval Silva. Em 01 de janeiro de 1964, a cidade foi legalmente criada, pelo ato do primeiro prefeito Durval Silva.

A trajetória dos escravos vindos da África para Monte do Carmo foi por meio do golfo da Guiné até chegar ao Brasil. E levavam meses e meses viajando. Quando os barcos chegavam para pegar os escravos começavam o pavor e o desespero de ser arrancado de sua terra e levado cativo.

[...] gritos agudos feriam o espaço; a desesperação e os gemidos faziam-se ouvir. Atroadores com chicote em punho separavam mães dos filhos, esposas dos maridos, irmãos e parentes. As gargalhadas satânicas estavam no ar com o retinido das correntes (ALVES, 2009, p.19).

Cerca de 500 escravos amontoados em porões dos navios, sofriam de sede, fome, passavam mal, e com isso adoeciam, contaminando-se de várias doenças.

Acorrentados no porão, sofriam enjoo e vomitavam muito. Contagiavam-se de pestes que assolavam a todos, de várias epidemias de gripe, tuberculose, lepra, febre amarela, disenteria, tifo e conjuntivite purulenta. Essa, o pus inundava-lhes a face, gotejando em fios ao amplo do peito e do tronco, cegando-os. Aqui se via um negro moribundo abraçado a um cadáver, ali uma criança mamava no seio da mãe morta. Acolá se ouvia os gritos de velório selvagem. Os canhões disparavam tiros, amedrontando os negros. (ALVES, 2009, p.20)

O metal precioso era escavado na Serra do Carmo pela mão de obra escrava, depois de colhido era moído em pilões, secados no couro de boi e depois apurados, colocados em embalagens para o envio para Portugal.

Segundo Alves (2009, p.21) a apuração do ouro era com bateias manuais e marcados, onde hoje ainda se registra os imensos escombros de pedras que na força humana, debaixo de gritos e chicotes, moviam-se como se fossem grandes máquinas na transformação daquele solo rochoso.

Com a economia fragilizada naquela época, parte da população foi migrando para outras regiões à procura de novos horizontes. Outras permaneceram no local, muitos por não conseguirem oportunidades de emprego e renda, fora do garimpo.

[...] as pessoas que aqui ficaram, foram os pilares simplesmente plantados no esquecimento da alta corte e da sociedade brasileira, principalmente do governo do Estado de Goiás. Essas pessoas que se consolidaram à nova história. Um novo horizonte se traçou praticamente do zero, que por méritos, se eternizaram na memória de Monte do Carmo (ALVES, 2009, p. 29).

Em Monte do Carmo um dos principais pontos turísticos da cidade é a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, localizada na praça Central. Essa igreja possui mais de 200 (duzentos) anos de existência, sendo um local destinado para a realização das festas culturais e religiosas do município. De acordo com Silva (2019, p.127) ao passar pelo

Arraial do Carmo no século XIX, com a mineração já extinta na região, relatou a existência de duas igrejas: a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo, segundo ela pequena, mas bem ornada, em contraste com a pobre ermida de Nossa Senhora do Rosário, embora com dimensões maiores, localizada onde hoje se define o centro da cidade.

2.2 Natividade – TO

É um município brasileiro do Estado do Tocantins, que fica a 218 km da capital Palmas. Foi fundada no ano de 1734 com o nome de Arraial de São Luís, no começo do século XIX, quando ainda fazia parte do território Goiano. Natividade está com 284 anos de existência. Inicialmente foi construída no pé da Serra de Natividade e foi fundada por Antônio Ferraz de Araújo. Natividade é a cidade mais antiga do estado do Tocantins. Faz divisa com as seguintes cidades: Chapada de Natividade, Paranã, Conceição, Almas e Pindorama.

Segundo Porto (2011, p. 123), Natividade surgiu da mineração do ouro e teve seu período de maior dinamismo na primeira metade do século XVIII, quando chegou a ser o segundo Arraial na captação desse minério. Na segunda metade do século XVIII, assistiu ao declínio da mineração que foi, pouco a pouco, substituída pela agropecuária.

Com a chegada de imigrantes portugueses nessa região, no século XVIII, pela procura de ouro, o Arraial de São Luiz foi edificado no topo da Serra, pelas mãos dos escravos, cerca de quarenta mil, trazidos por esses desbravadores. Recebeu esse nome em homenagem a Dom Luís Mascarenhas, na época governador da capitania de São Luís e fundador da atual cidade de Goiás. Como afirma Messias (2010, p.172), a produção de ouro na Serra provocou uma movimentação inesperada. Devido a expressiva movimentação de pessoas, agravadas pelas dificuldades de acesso aos locais do garimpo no alto da Serra e para comodidade da administração local, o Arraial de São Luís “desceu a serra”. Com essa transferência, nascia a cidade de Natividade, “encravada aos pés da Serra”. O nome de Natividade foi uma homenagem a Nossa Senhora de Natividade, padroeira da cidade.

O período da mineração, no século XVIII, ficou marcado por edificações simples de fachadas despojadas, enquanto a economia baseada na pecuária, a partir do século XIX, deu origem às construções mais elaboradas e fachadas ornamentadas, refletindo a riqueza trazida por essa nova atividade econômica. Em Natividade ainda preserva a arte secular da ourivesaria, tradicional desde a época do garimpo de ouro e a produção artesanal faz uso da técnica rara da filigrana portuguesa, que sobreviveu ao tempo pelas mãos de mestres ourives nativitanos. (PICANÇO, 2009, p.73).

Natividade foi considerada como um dos locais mais importantes de garimpos do século XVIII, fazendo com que a cidade se tornasse sede provisória da comarca do Norte do Goiás. Nessa época, quem comandava a região, era o Joaquim Teotônio Segurado.

Devido a significativa produção aurífera, o arraial, no século XVIII, se tornou um dos mais importantes do antigo Norte goiano. No contexto das tentativas de separação entre o Norte e o Sul de Goiás, entre 1809 e 1815, Natividade chegou a ser a sede da residência do ouvidor da recém-criada Comarca do Norte, ao dividir-se administrativamente a capitania. (MESSIAS, 2010, p. 172-173).

Nascida com a exploração de ouro, durante muito tempo foi tida como uns dos maiores arraiais da capitania de Goiás, ficando atrás somente de Pirenópolis, um município brasileiro do estado do Goiás, que ocupou um lugar de destaque na extração do ouro. Em 1831, a cidade passa a ser considerada vila e no ano de 1901 após ser desmembrada de Porto Nacional passou a ser município. A grande quantidade de ouro extraído na região, fez com que os governadores tivessem uma atenção maior ao território, pois essa atividade precisava de um grande número de escravos na realização do trabalho. Com isso, a extração de ouro na região chegou a ocupar o quarto lugar na província de Goiás.

Há tempos a historiografia goiana, especialmente por meio das obras de Palacín, analisou o fenômeno da exploração do ouro em território goiano, sendo que tanto nessas quanto em outros estudos historiográficos o antigo Arraial de Natividade aparece com um dos que mais se destacam na produção do mineral, ao Norte da capitania de Goiás.(MESSIAS, 2010, p. 172).

Com a mineração na região, chegou a ter cerca de 40 mil escravos. Mas logo por volta de 1770, o ouro começou a diminuir fazendo com que os moradores tivessem que acostumar-se a viver no campo. O ouro na região não chega a extinguir, mas sim a diminuir, pois até hoje as serras são ricas de ouro.

Picanço (2009, p. 71) reforça que com relação a decadência da mineração, houve um empobrecimento e a ruralização do arraial de Natividade, que passou a substituir basicamente da pecuária e da agricultura rudimentar. Embora o seu espaço tenha sido alterado, guardou em si a autenticidade de sua origem aurífera. Entre 1809 e 1815, a cidade foi sede do “Governo do Norte”, período em que a capitania de Goiás se dividiu em duas comarcas: Comarca do Sul e Comarca do Norte.

A fonte de renda da cidade de natividade, atualmente, é a agricultura, turismo, pecuária e a mineração, existente desde sua fundação. Segundo o IBGE (2002), a cidade conta com aproximadamente 9.250 mil habitantes.

A cidade é a maior referência histórica do Tocantins. Até hoje mantêm sua história com ruas estreitas e vários casarões. Muitas relíquias são guardadas com muito estima. A

cidade mantém conservadas as suas ruas, praças e igrejas. Cultiva diversos saberes, entre eles, a arte da filigrana, na fabricação de joias em ouro e prata.

Natividade é conhecida pela ourivesaria artesanal em filigrana, feita em ouro e prata. Há na cidade, pelo menos, dois grupos de artesãos trabalhando nessa atividade. Praticamente todos os artesãos da ourivesaria em Natividade aprenderam o ofício com o Mestre Juvenal ou seus seguidores diretos (PORTO, 2011, p. 119).

Com o tempo, o ouro entrou em decadência. Mesmo com isso, observamos a construção de três igrejas: a Igreja de Nossa Senhora de Natividade, Igreja de São Benedito, Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (Igreja de Pedra) e diversas residências, feitas de blocos de barro e pedras, que hoje compõem o Centro Histórico de Natividade.

São donos de uma riquíssima culinária. Tem grandes artesãos que produzem o ouro; os nativitanos estão disponíveis sempre para acolher todas as pessoas que vão conhecer a mais antigas e belas cidades do estado do Tocantins.

No campo da culinária, são famosos os bolos e biscoitos de Natividade, particularmente o “amor perfeito”, biscoito muito apreciado pelos moradores e visitantes. Também são muito conhecidos e procurados os doces e licores, feitos com frutas da região (PORTO, 2011, p. 119).

3. TOMBAMENTO DAS CIDADES E DAS IGREJAS EM MONTE DO CARMO – TO E EM NATIVIDADE – TO

O tombamento é um ato de reconhecer o valor histórico de um determinado local ou objeto de valor artístico ou cultural, em que após tombado torna-se um patrimônio oficial, preservando sua identidade, garantindo a sua memória. Segundo o site oficial do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional – IPHAN, o tombamento é um ato administrativo regulado pelo Decreto Lei nº 25, de 30 de 1937, sendo realizado pelo Poder Público, na esfera federal. De acordo com essa lei, tomba um bem significa protegê-lo. O termo tombamento se refere a Torre do Tombo que fica em Portugal, local onde estão guardados os documentos históricos.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério do Turismo que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro. Cabe ao Iphan proteger e promover os bens culturais do País, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras (IPHAN, 2014).

De acordo o Iphan (2014) desde a criação do Instituto, em 13 de janeiro de 1937, por meio da Lei nº 378, assinada pelo então presidente Getúlio Vargas, os conceitos que orientam a atuação do Instituto têm evoluído, mantendo sempre relação com os marcos legais. A Constituição Brasileira de 1988, em seu artigo 216, define o patrimônio cultural como formas de expressão, modos de criar, fazer e viver. Também são assim reconhecidas as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; e, ainda, os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

O IPHAN é o órgão responsável pela proteção de bens tombados pela esfera federal. O tombamento é uma ação administrativa, em que qualquer cidadão pode iniciar um pedido de abertura de processo, sendo ela física ou jurídica. O tombamento pode ser um ato de poder público, estadual ou municipal. Pode ser realizado pela União por intermédio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, do Governo Estadual, por meio de sua secretaria/órgão responsável por meio da gestão dos patrimônios dentro do Estado e pelo município, também pela secretaria/órgão que gere os patrimônios dentro do município. Cabe, portanto, as gestões federais, estaduais e municipais a administração e guarda a fim de proteger o patrimônio cultural, junto com a comunidade ajudando na proteção por meio de registros e vigilância.

A Diretoria do Patrimônio Cultural da Fundação desenvolve várias ações de preservação e salvaguarda do patrimônio arquitetônico do Tocantins. Essas ações se baseiam em conservação, revitalização, tombamento e restauração de edificações e bens móveis que são referências histórico-culturais para o povo tocaninense (PORTO, 2011, p.77).

Quando acontece a solicitação de um pedido de tombamento para o órgão, é realizado por um técnico um parecer em que irá definir se esse bem é material ou imaterial. Após aprovado, no final do processo, é tombado e inscrito, em um dos livros podendo ser: Livro do tombo arqueológico, etnográfico paisagístico; livro do tombo histórico; livro do tombo de belas artes e livro do tombo das artes aplicadas.

A aplicação do tombamento sendo de bens móveis ou imóveis com interesse cultural ou ambiental, quando está relacionado com bens materiais, quando ao seu tombamento deve estar de acordo por um coletivo de pessoas. Mas, o tombamento não é a única maneira de preservação, sendo também formas de proteção os inventários e os planos diretores.

São considerados bens culturais os bens móveis e imóveis de grande importância para o patrimônio cultural de cada país, tais como as obras de arte e de arquitetura, os manuscritos, os livros e outros bens de interesse artístico, histórico ou arqueológico, os. Documentos etnológicos, os espécimens-tipo da flora e da fauna, as coleções científicas e as coleções importantes de livros e arquivos, incluídos os arquivos musicais (PORTO, 2011, p. 42).

Os bens materiais podem ser as cidades históricas, sítios tanto paisagísticos quanto arqueológicos e bens individuais ou móveis como as coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos 9, fotográficos e cinematográficos. Os bens imateriais são os modos de fazer, os ofícios, as celebrações, as expressões cênicas, as plásticas, as obras musicais e, ainda, mercados públicos, feiras e santuários de práticas coletivas religiosas e/ou culturais.

É um grande desafio persuadir a população a valorizar o patrimônio e manter a conservação de centros históricos, por isso uma ferramenta pode ser a educação patrimonial nas escolas e dentro das comunidades nessa região do Estado. Dentre as dificuldades encontradas no processo de manutenção, estão as políticas de conservação do patrimônio, que só foram adotadas tardiamente, devido ao recente e longo processo de emancipação política que ocasionou a criação do Estado do Tocantins, no final da década de 80.

As políticas de preservação do patrimônio cultural brasileiro foram, em geral, construídas a partir do governo federal, às vezes articulando-se aos governos estaduais e municipais, por outras vezes retraindo-se e isolando-se novamente no governo federal. A nosso ver, esses movimentos, bem como a construção da política, relacionam-se, mesmo que tangencialmente, a diretrizes, políticas e/ou planos da esfera federal como um todo. Essa relação torna-se bastante explícita na concepção e implementação do Programa de Cidades Históricas: uma política de

preservação do patrimônio cultural criada e coordenada a partir do Ministério do Planejamento e Coordenação Geral. Nesse sentido, para compreender as articulações e as concepções que viabilizaram o Programa é feita uma breve análise sobre o planejamento governamental brasileiro, na esfera federal, especialmente no que se refere ao período de 1967, ano da publicação do Decreto-Lei 200, até 1979, fim da vigência do II Plano Nacional de Desenvolvimento (CORREA, 2012, p. 37).

A partir do momento que um bem é tombado não pode ser feita nenhuma alteração nele sem a autorização e análise técnica do IPHAN, do governo estadual ou municipal, conforme a esfera em que for realizado o tombamento.

Primeiro é feito um inventário a partir de uma coleta de dados do bem material ou imaterial, cultural e histórico, contemplando sua importância para a comunidade. O inventário é enviado ao conselho, constituído por uma equipe interdisciplinar, para analisar se atendido os requisitos. Após toda a conferência e pareceres, se concretiza o tombamento.

3.1. A cidade histórica de Monte do Carmo - TO

Localiza-se em Monte do Carmo, a igreja de Nossa Senhora do Carmo que fica localizada na praça central da cidade, foi construída em 1801, com características e detalhes da arquitetura colonial. Seu processo de construção não se sabe ao certo como ocorreu. Existem relatos/narrativas orais contados pelos membros mais idosos da comunidade. Eles explicam que na construção da igreja foi desenvolvida com a colaboração dos escravos que moravam na região. A igreja possui mais de 200 anos de existência, e, é o local de partida para as festas religiosas e culturais do município.

Conforme descritos nos meios de comunicação da gestão da cidade a igreja foi tombada como Patrimônio Cultural do Estado do Tocantins e, publicado em Diário oficial de 25 de setembro de 2012. Esse momento foi registrado nos livros: Tombo Histórico e Etnológico e Tombo arquitetônico. Essa ação foi uma iniciativa da então Secretaria de Estado da Cultura para a preservação e conservação do bem histórico e cultural tocantinense.

Figura 1- Igreja de Nossa Senhora do Carmo



Fonte: Prefeitura Municipal de Monte do Carmo, 2021.

No site da prefeitura da cidade (2017), o superintendente de Patrimônio Cultural da SECULT, (Secretaria de Estado de Cultura) Senhor Antônio Miranda, explica que “a Igreja de Nossa Senhora do Carmo reúne aspectos e símbolos característicos da identidade cultural do Estado do Tocantins”. Ainda segundo Miranda, o tombamento teve início com abertura de processo no dia 2 de fevereiro de 2012 seguido de reuniões com a comunidade local e dando continuidade ao processo que se constituiu em um conjunto de documentos com fundamentação teórica que justificou o tombamento.

O Padre José Faustino da Gama entrega a comunidade, a restauração física da igreja, no dia 09 de novembro de 2007. O desenrolar dessa restauração foi devido a organização do padre Edmilson e Padre Manoel que não mediram esforços para essa realização, contando também com a ajuda do prefeito na época Dr. Condorcet Cavalcante Filho e da Secretaria de Cultura do estado do Tocantins.

Segundo Alves (2009, p.53), não foram medidos esforços para a busca de patrocínio para a restauração da igreja. Foi concedida a verba de R\$: 258.300.00 pela Brasil Telecom. A comissão da igreja, representado por Adi Oliveira Amaral que zelava do espaço e seus bens, destacaram-se pelo amor ao trabalho que exercem. Todos zelaram os mesmos objetivos, concretizaram o elevado espírito social de Monte do Carmo e do Estado do Tocantins proporcionando uma tão sonhada realização.

Figura 2 - Interior da Igreja de Nossa Senhora do Carmo



Fonte: Prefeitura de Monte do Carmo, 2012.

3.2. A cidade histórica de Natividade - TO

A cidade de Natividade - TO, localizada na região sudoeste do Tocantins e considerada como o berço da cultura devido ser considerada a cidade mais antiga do estado. Em seus aspectos históricos, observa-se a presença da arquitetura colonial, manifestações culturais e gastronômicas.

Nota-se no centro histórico, um acervo arquitetônico urbanístico, paisagístico e histórico. Messias (2010, p.17), comenta que no conjunto arquitetônico, as ruas são regulares, guarnecidas de calçamento, em sua maioria de cimento rústico e pedras do tipo tapiocanga. “Da estrutura urbana colonial, o sítio destaca-se pela beleza do casario e dos prédios públicos, a exemplo da antiga Casa de Câmara e cadeia, situado na praça Leopoldo de Bulhões que abriga atualmente o Museu Histórico de Natividade, o Centro de artesanato e apoio ao turista” (MESSIAS, 2010, p. 178).

Em 1987, o Iphan tombou o conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico de Natividade. A cidade foi dividida em três zonas: zona de proteção ambiental, zona de expansão e zona de proteção histórica. Seu conjunto arquitetônico é formado por suas ruas estreitas com casarões e igrejas no centro da cidade. O Tombamento ocorreu no ano de 1987 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN.

Devido a proteção de toda a comunidade e visitantes com os bens tombados em Natividade, hoje ela possui uma posição de destaque se comparada a outras cidades históricas do estado.

Figura 3 - Igreja de Nossa Senhora dos Pretos



Fonte: Denise Gomes, 2017.

O tombamento como patrimônio nacional (do conjunto arquitetônico, paisagístico e urbanístico) aconteceu em outubro de 1987, inscrito nos livros de Tombo Histórico (vol. 2, fls 05 a 07, nº 519), Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico (fls 55 a 58, nº 102) e das Belas Artes (vol. 2, fls 14 a 16, nº 590). Anteriormente, as igrejas de Nossa Senhora da Natividade, de São Benedito e as ruínas da Igreja Nossa Senhora do Rosário foram tombadas isoladamente em nível estadual no ano de 1980, quando ainda era estado de Goiás. Em 2004, foi assinado o convênio (entre o Ministério da Cultura e Estado do Tocantins) a participação de Natividade no Programa Monumento, que se referiu a um projeto de recuperação do patrimônio cultural urbano brasileiro, executado pelo Ministério da Cultura/IPHAN, financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento e com a parceria da UNESCO. Esse projeto culminou em resultados significativos para a comunidade local.

A fé é um ponto forte que marca o calendário festivo local com celebrações religiosas de abrangência estadual (Festejos do Divino Espírito Santo, Romaria Senhor do Bonfim e Padroeira Nossa Senhora da Natividade – padroeira do Estado e da cidade) e de manifestações artísticas (dentro das festividades, as Folia do Divino se destacam com seus cantos de louvor, agradecimentos, rodas, catiras e a dança *súcia*¹ executadas pelos foliões) que extrapolaram as festividades e ganharam vida própria com a formação de grupos (Catireiros de Natividade e Grupo de Dança Mãe Ana) para apresentações ao público sempre que solicitados. Destaque também para a arte do saber fazer, com a existência, entre

¹A **súcia** é uma **dança** que se manifesta durante o giro da folia do Divino Espírito Santo. É uma espécie de brincadeira composta por homens e mulheres que em dupla, acompanhados de viola e pandeiro se divertem e divertem a população com gesto de alegria e sensualidade.

outros, de ourivesaria – oficinas para confecção de joias artesanais em ouro e prata e dos locais de confecção dos bolos e biscoitos tradicionais (como o amor perfeito e a pipoca), constituindo uma fonte de geração de renda, mas acima de tudo, contribuindo para Natividade possuir também um patrimônio imaterial de grande significância.

4. TURISMO RELIGIOSO E OS FESTEJOS EM MONTE DO CARMO – TO E NATIVIDADE – TO

O turismo religioso é um mercado diferente dos demais devido sua principal motivação: a fé. Esse turismo emana dos acontecimentos religiosos, que envolve as romarias, procissões e festejos, sendo que algumas cidades recebem milhares de pessoas nesses períodos de turismo religioso.

O turismo religioso é um importante segmento do mercado turístico que envolve dois dos mais importantes fenômenos sociais do mundo contemporâneo: Turismo e Religião. Ao buscarmos as origens do turismo religioso, poderemos encontrá-lo nas mais antigas manifestações religiosas tanto cristãs quanto não-cristãs. Entre os cristãos, o movimento das cruzadas constata na prática da peregrinação ao túmulo de Cristo: essa peregrinação fazia-se nas mais duras condições, num espírito de sacrifício e purificação. Já no segundo milênio, a esperança do retorno de Cristo a Jerusalém ainda reforçava, no espírito de muita gente, o desejo de alcançar a salvação[...] (ANPTUR, 2008).

Está ligado às pessoas que saem das suas residências, suas cidades e vão participar das festividades em outras localidades, um dos turismos que estão sempre em crescimento – e o religioso - cada dia atrai mais fiéis. Ele impulsiona e ajuda o comércio local.

Para Sousa (2017, p.79), as festas surgiram no início do século XIV acarretando todo um conjunto de comportamentos rituais associados, apresentando um Imperador e dois reis (que representavam a Santíssima Trindade), com o momento da coroação com três coroas de prata. Além da participação de homens bons, nobres, os burgueses das cidades e das vilas do reino compareciam em desfiles cerimoniais entre igrejas matrizes, conventos e templos consagrados ao Espírito Santo. Havia o bodo², incluindo pão e carne, assinalado como esmola distribuída aos pobres e necessitados, caracterizando uma forma de homenagem e louvar à divindade, além da realização de bailes reais.

A esse respeito, destaca-se no Tocantins, o turismo religioso, presente em Monte do Carmo e em Natividade, que durante todo o ano em seu calendário de festas religiosas recebem milhares de pessoas.

4.1 Festas religiosas em Monte do Carmo – TO

Em Monte do Carmo as festas religiosas têm uma tradição secular, envolvendo inúmeros fiéis, que são movidos por um único propósito: a devoção ao “Divino Espírito Santo, Senhora do Carmo e Senhora do Rosário”. Essa tradição envolve toda a comunidade,

²Partilha de alimentos aos pobres em dia festivo, por vezes acompanhada da doação de roupas e dinheiro.

podendo citá-los: padres, rezadeiras, imperador, imperatriz (adultos e mirim), que são as pessoas da comunidade que decidem realizar a festa, para serem coroados. O alferestem a função de carregar a bandeira da folia, que será apresentada ao residente da casa onde a folia vai passar. Foliões, caixeiros que acompanham, tocando sus caixas feitas de pele de animais, arrieiros que cuida da carga dos foliões, despachantes de folia, capitão do mastro e capitã do mastro, rei e rainha, congos, taieiras, caretas, tamborzeiros, as boleiras responsáveis por fazer todos os bolos que são servidos para a comunidade e visitantes no período da festa, dentre outros.

A igreja (Figura 1) é ponto de partida e de encontro das folias do Divino Espírito Santo, tanto mirim que é a Folia das crianças realizada 40 dias após o dia de Pentecostes quanto a Folia dos adultos, uma das maiores festas religiosas do município e do Estado do Tocantins. Em relação ao giro das folias para Sousa (2017, p. 22) afirma que ela gira em dois grupos de homens que vão percorrer a zona rural parando nas fazendas, evangelizando e pedindo esmolas para ajudar o Imperador do Divino a fazer sua festa na cidade nos dias 16 e 17 de julho marcados no calendário de festas da cidade. As esmolas recebidas podem ser em dinheiro ou em outro tipo de donativos, desde alimento até animais.

A construção da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, foi no ano 1801, e para Sousa (2017, p.17) até os dias atuais conserva as características de uma singela arquitetura colonial (figuras 03 e 04). Seu método construtivo ao certo não se sabe por meio de documentos, apenas por dados empíricos relatados por pessoas mais idosas da comunidade. Essas relatam que o construtor da edificação teve ajuda dos escravos existentes do popular Padre Gama.

Figura 4 - Igreja de Nossa Senhora do Carmo



Fonte: Denise Gomes, 2021.

Há três localidades que são agraciadas pelos famosos foliões, que levam a cultura da cidade para as comunidades vizinhas, são consideradas comunidades quilombolas devido terem sido o local de refúgio na época da escravidão.

A região do Taquarí, Mata Grande, e Buqueirão, é o berço cultural dos mais famosos foliões carmelitanos. Foliões que são capazes de fazerem respeitosamente o intercâmbio de cultura com cidades vizinhas. Também de acordo com suas origens, é considerada a comunidade dos quilombolas, ou seja, refúgio dos escravos na época da escravidão (ALVES, 2009, p. 14).

A cidade de Monte do Carmo tem em suas festividades religiosas um atrativo para reunir multidões durante seu calendário anual, pois é um momento de devoção vivenciado por toda a comunidade e cidades vizinhas.

Uma festa religiosa faz com que a mensagem seja compartilhada por uma comunidade e essa comunidade ressignifica os espaços como lugares. Na produção de crenças e práticas religiosas estão os modos de representação e compreensão individual e em grupo que são sustentadas pela memória, que é revivida nos lugares, nos discursos e nas práticas (SOUZA, 2017, p. 96).

Como já mencionado em relação às festas acontecerem durante todo o ano, dando início em cinco de janeiro com a festa de Santos Reis, em que celebram os três reis magos (Gaspar, Baltazar e Melchior). Antigamente essa festa era realizada apenas por um rei que era responsável por organizar toda a festa e ser coroado. No decorrer dos anos foi alterada essa forma de realização, em que se optou por colocar mais dois reis, assim coroando os três reis magos. Essa alteração segue até os dias atuais.

Em Monte do Carmo o ano já inicia sob a expectativa dos festejos de Santos Reis, marcados pela folia, que inicia o giro noturno em 30 de dezembro e vai até dia 5 de janeiro. De acordo Messias (2016, p. 40)

Durante todos esses dias, são realizadas celebrações religiosas, seguidas pelos leilões organizados pela comunidade local. No dia 3 de janeiro, no período da manhã, encerram-se os festejos, com a coroação do imperador de Santos Reis, apocissão pelas ruas da cidade e o café com bolo, compartilhado entre os devotos (MESSIAS 2016, p. 40).

Finalizando a festa de Santos Reis inicia a festa de São Sebastião considerado como protetor dos vaqueiros, ela começa com o novenário no dia 11 de janeiro e finaliza com a missa no dia 20 de janeiro.

Em Monte do Carmo não sabemos o começo dessas comemorações, mas há muitos anos vem sendo celebrado com muita fé, como protetor do gado, da peste e da fome. Antes era uma festa simples, com novena, missas, procissões, leilões dos fazendeiros, competições de corridas de cavalos e etc. Era a época mais escolhida para casamentos e batizados (ALVES, 2009, p. 61).

Dia 20 a tarde acontece a grande cavalgada pela cidade, em que pessoas dentre elas adultos e crianças montados a cavalos percorrem a cidade com a imagem de São Sebastião, finalizando esse ritual na Igreja Nossa Senhora do Carmo com a missa dos vaqueiros, onde

ocorre o sorteio de diversos brindes a população em geral. A procissão é formada por mais ou menos 600 cavaleiros acompanhando o andor de São Sebastião, que é carregado pelos vaqueiros. Passando pelas avenidas centrais acompanhadas por convidados ilustres e autoridades maiores do estado e cidades vizinhas, como o governador, parlamentares, secretários e fazendeiros locais.

O dia que é celebrado Pentecoste não tem uma data fixa, sendo 40 dias após o domingo de Páscoa, que geralmente ocorre nos meses de maio ou junho, como uma forma de antecipação a festa do Imperador que acontece em julho junto com o festejo de Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora do Rosário. Celebra-se a missa e coroação do imperador no domingo de Pentecostes (Figura 2), a procissão sai em cortejo seguida por familiares, amigos Imperador e ex-imperadores em direção a Igreja de Nossa Senhora do Carmo.

Sousa (2017, p.76), afirma que o modelo da festa do Divino Espírito Santo era basicamente realizado no período pentecostal em parte dos Açores, no Brasil e em alguns lugares da Portugal continental. Começava no Domingo de Páscoa até o Domingo de Pentecostes ou chamado também de Domingo do Espírito Santo.

Figura 5 - Imperador e Imperatriz Mirim



Fonte: Adriana Rosa, 2013.

A coroação dos Imperadores mirins do Divino Espírito Santo é um dos momentos mais importante da festa. Nesse momento, há uma aproximação intensa entre a criança e o Divino. A coroação acontece na igreja conduzida pelo padre, desperta perante a comunidade uma atenção especial no momento que estão sendo coroados. Tem todo um ritual a ser seguido, momento importante tanto para as crianças que estão recebendo a

coroa, como pais/avós que por trás desse recebimento tem uma história de devoção e promessa.

As informações sobre a Festividade do Imperador Mirim são controversas e não localizei nenhum documento que pudesse certificar a origem desses eventos. Nos relatos não fica claro o período em que a festa do Imperador Mirim se efetivou em Monte do Carmo, alguns afirmam os primeiros anos do século XX, outros assinalam que foi por volta da década de 1970 (MESSIAS, 2016, p. 109).

O cortejo se inicia na casa do imperador e percorre algumas ruas da cidade e. Segue em direção à igreja Nossa Senhora do Carmo. A procissão conecta apenas as pessoas que estão acompanhando, como todas as pessoas que estão na rua onde o cortejo está passando, ao ouvirem a aproximação os mesmos, interrompem suas atividades cotidianas em sinal de devoção ao Divino.

Sousa (2017, p.80) diz que das festas religiosas que também faziam uso de procissões e cortejos, a festa do Espírito Santo foi uma das principais manifestações religiosas que, além de ser celebrada em todo o continente português, ultrapassou as fronteiras oceânicas chegando ao Brasil onde foi assimilada, repassada e celebrada pelos portugueses em diversas regiões do país.

A sua programação é a mesma do Divino dos adultos: folias, encontros de folias mirins, novenas, leilões, capitão do Mastro, a entrada triunfal dos sete dons e do imperador com sua imperatriz, missas, cortejos dos voluntários: imperador e imperatriz, o tradicional café com bolo, valsas e baile, almoço e entrega ao outro festeiro do ano seguinte (ALVES, 2009, p. 65).

Os imperadores seguem à frente da comunidade um ao lado do outro, e como proteção dos festeiros tem a presença de quatro homens segurando hastes com cobertura, andam em passos lentos pela cidade. Atrás do cortejo temos a comunidade que segue em procissão acompanhando o reinado até a igreja matriz, seguidos por uma banda que é contratada pela comissão da festa, onde ficam dispostos para esse momento.

A festa do Imperador do Divino Mirim é uma festa pequena em relação ao que acontece em julho pelos adultos. Esse momento para as crianças presentes e participantes é muito importante podendo-se perceber a alegria estampada no rosto dos pequenos.

Dia 16 de julho é realizada a Missa de Nossa Senhora do Carmo, um grande momento com presença das romarias e pagadores de promessas. Dia 17 de julho inicia a festa do Rei e Rainha de Nossa Senhora do Rosário dando início com a caçada da rainha na parte da tarde. Esse momento tão esperado por toda a comunidade e seus agregados é de pura diversão, fé e devoção por Nossa Senhora.

O ritual da caçada da rainha é composto por tamborzeiros que conduzem a dança, seguido da multidão logo atrás, uns montados a cavalos e outros a pé entoando o canto do

tradicional: *‘ô passarei alegre Alegre vou cantando, Senhora do Rosário Que nós ‘tamo’s’ festejando.’*. Chegando até butiquim local de encontro de reis, rainhas, caçadores e caçadeiras.

Em Monte do Carmo, a caçada faz a abertura da festa de Nossa Senhora do Rosário, em realeza com toda a sua pompa de reinado a cavalos, e como reinado, a caçada caracteriza o costume em que a corte dispensava o luxo da vida palaciana e se instalava no campo em acampamentos. Os homens livremente iam pelo prazer da caça e da pesca e as mulheres iam apreciar a beleza da natureza (ALVES, 2009, p. 76)

O cortejo da rainha toma conta das ruas da pequena Monte do Carmo, considerado pelos seus participantes uns dos momentos mais esperados do ano. No percurso que segue da casa da rainha passando pelo butiquim e retornando à casa da rainha, realiza-se diversas paradas nas ruas em frente às casas dos moradores onde cantam e dançam.

O trajeto finaliza na casa do rei e rainha, onde se prepara a partir daí para o cortejo da missa onde acontecerá a coroação dos festeiros. No dia seguinte, os congos e taieiras tomam café na casa do rei e rainha. Após esse momento seguem em cortejo, dispostos de vestimentas luxuosas, acompanhados pelo congos e taieiras com seus figurinos encantadores. Após a missa é finalizada a festa com almoço e forró para a comunidade.

Messias (2016, p. 197) observando o ritual de taieira de Monte do Carmo, diz que se percebe claramente a relação destas com a Rainha do Rosário, na medida em que vão, com os congos, buscá-la em sua residência ou casa da festa para acompanhá-la e cortejá-la até a igreja e vice-versa.

Finalizando o mês de julho com tamanha riqueza em suas festividades, chega o mês de outubro dando início a festa de Nossa Senhora do Rosário, ocorre a mesma festa de julho, porém com uma proporção menor de participantes. Uma das diferenças dessa festa para a de julho é que ela não é campal, sendo realizada dentro da igreja, é na caçada da rainha, o rei, rainha, caçadores e caçadeiras acompanham o cortejo a pé junto com a comunidade.

Como diz Sousa (2017, p.30) todas essas manifestações durante o ano, em Monte do Carmo, é uma união dos ricos, pobres, brancos e pretos que envolvidos pelo poder das Divindades festejadas, conseguem contagiar a todos os visitantes e festeiros, atraídos pelo som da caixa, do pandeiro e viola das folias, pelo batuque do tambor, pelos intermináveis foguetórios e pelo espírito festivo e animador dessa gente humilde, devota de uma tradição secular, que representa suas origens.

Diante disso, percebemos que essas manifestações na cidade estão relacionadas com a vida dos carmelitanos, onde diversas vezes no ano a sua rotina é interrompida devido às festas existentes, uma grande herança cultural mantida dos colonizadores portugueses.

4.2 Festas religiosas em Natividade – TO

As festas religiosas da cidade de Natividade podemos destacar a Romaria do Senhor do Bonfim que acontece de 6 a 17 de agosto, em um povoado a 22 km da cidade, a festa do Divino espírito Santo realizada 40 dias após a Páscoa e o festejo de Nossa Senhora de Natividade padroeira da cidade e do Estado do Tocantins. A comunidade se reúne unindo o sagrado e o profano em uma única celebração na festa do Divino Espírito Santo.

A organização da festa começa desde o momento em que o festeiro do ano seguinte é sorteado para realizar a festa. Nesse mesmo dia já definem quem vai soltar o giro, quem serão os despachantes. Algumas pessoas da comunidade já oferecem donativos para a realização da festa no ano seguinte, sendo ela em dinheiro, animais ou produtos.

A partir do momento que é realizado o sorteio do próximo festeiro inicia-se às organizações durante todo o ano. O sorteio é realizado em janeiro na igreja, no mesmo momento já realiza a escolha das regiões que serão percorridas pelos foliões, qual folião será a primeira a cantar no dia da festa do Divino Espírito Santo. O padre passa as orientações da pregação do evangelho que deve conter no canto dos foliões, a qual esses passam o ano realizando a composição dos cantos.

Para Sousa (2017, p.35), apesar das evoluções e modificações que acontecem até hoje, essas práticas fizeram parte dos inúmeros processos de transformações culturais e religiosas, que estão incorporadas aos calendários, costumes, enfim, ao cotidiano. São essas práticas que vêm do passado, repletas de significados locais, regionais, nacionais e até mesmo internacionais, que servem de base para a construção e apropriação de novas culturas e valores de toda uma sociedade.

As festas sucedem-se em outros ambientes, com outros cenários, mas cadenciando a própria textura humana e em uma função determinada no seu contexto histórico. A religiosidade aproxima as pessoas e lhes dão um sentido de comunidade. O caráter de ascendência espiritual perpassa pela celebração do sagrado e dá à festa um caráter ideológico, capaz de manter coesos interesses e vivências díspares. Os sujeitos tornam-se, assim, uníssonos através de práticas culturais que se transformam em tradições e rompem as ações do cotidiano, como: dançar, cantar e orar efusivamente, fazer promessas, romarias, procissões e festas (SOUSA, 2017, p. 91).

Na Natividade, o momento mais esperado pela população são os devotos do Divino Espírito Santo e a sua festa, com grande expressividade e grande participação da população.

Nas festas religiosas essa manifestação de fé coletiva é mais acentuada. O indivíduo deixa de ser um só e passa a compartilhar com toda uma comunidade uma religião e passa a ter um comprometimento, muitas vezes, pagando promessas em forma de oferendas ou sacrifícios que denotam ser mais forte do que um simples pedido em oração (SOUSA, 2017, p. 33).

É uma festa que não tem uma data certa de começar devido acompanhar a data que realiza a Páscoa daquele respectivo ano.

Em Natividade, a festa do Espírito Santo “toma corpo” na década de 80 do século passado, mas já antes se realizava. Progressivamente ganhou mais relevo até atingir uma grande importância nos nossos dias. Tem repercussão na cidade e na região. Envolve, por conseguinte uma esmerada preparação, requer o envolvimento de muita gente e de avultadas receitas (SOUSA, 2017, p. 15).

Sousa destaca ainda que:

A festa religiosa também se caracteriza por sua atualização de acontecimentos e de períodos passando a ser uma história sagrada com a presença dos deuses. Para o homem religioso – foco das nossas discussões devido à pesquisa abordar devotos e foliões da festa do Divino Espírito Santo em Natividade -, a festa não é a comemoração de um acontecimento mítico (e, portanto, religioso), mas sim a sua atualização de compromisso e de fé com seus deuses, com o sagrado, além de uma forma do homem seguir o modelo divino (SOUSA, 2017, p.38).

A festa do Divino chegou com a colonização em meados do século XVII, essa manifestação religiosa acontece em várias regiões que estão ligadas com o período da mineração de ouro. Uma das maiores representações dessa festa aqui no Tocantins, uma festa muito conhecida em todo o estado.

A festa do Divino Espírito Santo no Tocantins acontece de janeiro a julho acompanhando as características de cada região. Podemos destacar a existência em algumas cidades como: Almas, Araguacema, Araguaçu, Chapada de Natividade, Conceição do Tocantins, Santa Rosa, Silvanópolis, Peixe, Palmas, Porto Nacional e Monte do Carmo. Cada localidade agregou seus valores e características individuais.

A festividade se mantém viva até os dias atuais, devido à grande participação da comunidade para o acontecimento da festa, trabalhando para conseguir realizar a festa da melhor maneira possível, mantendo sempre vivo esse espírito religioso de diversão e confraternização. Eles se envolvem em todas as etapas de organização desse ritual. O cotidiano da população é interrompido e eles se dedicam a realização da festa do Divino Espírito Santo.

De acordo com as narrativas orais, a Festa do Divino Espírito Santo em Natividade é uma prática cultural realizada, anualmente, atraindo milhares de

peessoas, motivadas por um sentimento comum, em que os devotos agradecem as graças recebidas e pedem proteção e outras bênçãos. E, assim, todos os anos, o evento estimula o deslocamento de diversas pessoas para participar da festa. Dentro desse contexto, um aspecto importante desses festejos é a hospitalidade e disponibilidade dos moradores locais para acomodarem em suas casas familiares, amigos, conhecidos e até mesmo pessoas desconhecidas (MESSIAS, 2010, p. 42).

Na festa do Divino Espírito Santo, em Natividade, antes e depois das festas a comunidade participa de todo o processo de organização para conseguirem realizar da melhor forma, tendo muita comida e bebida para quem vai prestigiar o momento.

Uma festa comunitária cheia de rituais onde o dever da população seja de organização dos pousos das folias, do giro e os rituais existentes na festividade, e para que isso ocorra de melhor maneira é importante observar as regras religiosas, algumas coisas podem até ser improvisadas mais outras não como: a maneira de fazer vênica com a bandeira, os cantos, as rezas, as posturas dentre outras exigências religiosas.

É por meio das características da festa do Divino Espírito Santo em Natividade, por meio da história e memória de seus devotos que encontra-se um caminho para analisar a religiosidade e a memória cultural nativitana, em que seu conjunto de características fará reconhecer um indivíduo que conhecerá seu costume, tradição, história e sua cultura(SOUSA, 2017, p. 105).

Sousa (2017, p.110) explica que é na Semana Santa, a partir do Domingo de Páscoa, que as folias saem para o Giro, porém a preparação e trabalho dos Despachantes e festeiros já havia iniciado meses antes. No Sábado de Aleluia, a movimentação em torno da Festa do Divino Espírito Santo toma corpo e conta das ruas. O trabalho das Folias começa com o Despachante, que é quem ajuda o Imperador, seja sozinho ou em grupo, a soltar uma Folia para arrecadar donativos. O Despachante tem o papel de organizar a folia junto com os foliões e fica responsável pela parte financeira de um grupo. Ele cuida da família dos foliões, ficando, assim, responsável pelas necessidades de cada uma delas, seja na falta de alimentação ou em casos de doenças que possam ocorrer durante os quarenta dias de giro da folia, enquanto o folião presta serviços para o Divino. Cada folia sai com quinze pessoas ou mais.

Uma maioria dos recursos arrecadados na festa do Divino é proveniente do giro da folia pelos sertões onde são divididos em três grupos de foliões que percorrem a zona rural. Os cantos, as rezas e todos os tipos de ritos presentes na festa do Divino são importantes para compreender melhor o lugar, as pessoas, as transformações, as ordens sociais estabelecidas e o modo de expressão de uma comunidade (SOUSA, 2017, p.53).

Os foliões andam pela zona rural, e pelas cidades vizinhas, eles são os responsáveis pelos cantos, rodas, tocam e dançam nos locais em devoção ao Divino.

A casa do imperador é onde acolhe todos os participantes da festividade em Natividade, acolhendo também os ajudantes, foliões, cozinheiros que vira e volta estão indo saindo das suas casas e indo até a casa do imperador para prestar ajuda tomar um café, comer um biscoito, ajudar em qualquer coisa da festa para eles isso é muito importante para a sua contribuição com a fé no Divino Espírito Santo. É tudo dividido os afazeres do dia, uma pessoa comanda toda essa preparação, informando qual tipo de bolo, licor será feito naquele dia.

Após a missa antes de saírem para a casa do Imperador os foliões e comunidade se reúnem em frente à igreja Matriz e tocam a caixa um instrumento feito de couro de vaca utilizado nas folias, anunciando a festa do Divino, assim que termina na porta da igreja os alferes que são os responsáveis por cada folia segue a frente puxando toda a comunidade em ato de fé até a casa do Imperador para lá juntos cantarem, dançarem e comerem.

Antes de servir o jantar, um membro da família se senta junto com cada folia, em uma das três mesas preparadas para receber os foliões e rezam agradecendo e pedindo ao Divino Espírito Santo o envio dos setes dons para o tempo do Giro das Folias, além de proteção para a família do Imperador. Após a reza, o jantar é servido, porém, apenas os foliões podem se servir primeiro. Só aí, a comunidade pode se servir do jantar (SOUSA, 2017, p. 123).

Os moradores participam o ano todo de várias atividades religiosas como em Monte do Carmo, composta por vários momentos de celebrações e manifestações em torno da cidade. Podemos destacar a festa do Divino Espírito Santo, Romaria do Senhor do Bonfim, Nossa Senhora das Candeias, Santos Reis, São Benedito e Nossa Senhora de Natividade.

A festa de Nossa Senhora das Candeias acontece todos os anos no dia 02 de fevereiro, os devotos reúnem na igreja de São Benedito, saem em procissão pelas ruas da cidade com velas na mão, os moradores em sinal de devoção colocam velas na porta de suas residências.

A cerimônia de Nossa Senhora de Natividade, inicia no dia 30 de agosto e se estende até o dia 8 de setembro, nesses dias festivos contam com os leilões e as novenas, como padroeira local é do Estado do Tocantins na cerimônia tem a presença de pombas e lideranças políticas, bispo de Porto Nacional e o Governador do Estado.

Ultimamente a festa de maior tradição na cidade é a festa de Nossa Senhora de Natividade e a festa do Divino Espírito Santo como afirma Wátilla Misla Fernandes Bonfim e Rosane Balsan (2019, p. 2) percebe-se, no que diz respeito à Natividade, a forte relação com a memória histórica, que se materializa nas suas festas religiosas, e permanecem ativas, mesmo tendo que concorrer com shows e festas modernas. Desse modo, as festas religiosas, assim como a técnica da filigrana, que vem sendo mantidas há pelo menos um

século, representam uma forma de resistência cultural, frente à proposta neoliberal de homogeneização das ideias, dos hábitos, dos adereços e dos mercados. A festa do Divino Espírito Santo é considerada pela população a principal festa realizada na cidade, nessa ocasião as peças tradicionais e filigranadas marcam a religiosidade e a identidade local.

Uma festa religiosa faz com que a mensagem seja compartilhada por uma comunidade e essa comunidade ressignifica os espaços como lugares. Na produção de crenças e práticas religiosas estão os modos de representação e compreensão individual e em grupo que são sustentadas pela memória, que é revivida nos lugares, nos discursos e nas práticas (SOUSA, 2017, p. 96).

Na festa do Divino, podemos perceber uma grande relação do homem com a natureza, observando isso nos cânticos, nos objetos como a bandeira, a caixa e coroa. Percebemos a relação com a natureza pois os foliões passam 40 dias nas comunidades rurais em torno da cidade pregando o evangelho, compartilhando as suas diversas histórias de vida em total contato com a natureza.

Para Sousa (2017, p. 97) antes, durante e depois da festa do Divino Espírito Santo em Natividade todo o processo de organização da mesma demonstra que as pessoas envolvidas, cada qual com sua habilidade, trabalham para conseguir realizar a festa da melhor maneira possível, com abundância de comida e bebida. Caracterizada por ser uma festa comunitária, solene e repleta de ritos, em que o dever e a obrigação por parte de todos seia na preparação das comunidades, nos pousos, no giro das folias e em todos os rituais que a complementam.

No sábado de aleluia no período da noite todos os envolvidos da festa participam da missa, onde o pároco dará todas as orientações de como vai ocorrer os dias festivos, passa a benção e os segmentos para as folias, pousos e para a busca de donativos para a festa. Essa missa dura cerca de três horas, ninguém que está assistindo a missa sai antes que ela termine, em frente à igreja as três folias se reúnem e tocam a caixa, informando a todos que está iniciando mais uma festa, após esse canto eles seguem em direção a casa do Imperador onde jantam e entoam o canto do bendito.

Antes de iniciar o jantar tem todo um ritual que deve ser seguindo, Sousa (2017,p.123) diz que um membro da família senta junto com cada folia, em uma das três mesas preparadas para receber os foliões e rezam agradecendo e pedindo ao Divino Espírito Santo o envio dos setes dons para o tempo do Giro das Folias, além de proteção para a família do Imperador. Após a reza, o jantar é servido, porém, apenas os foliões podem se servir primeiro. Só aí, a comunidade pode se servir do jantar.

Finalizado o jantar, começa o canto do Bendito é uma reza que agradecer pelo alimento, pelos foliões e por todos os envolvidos na festividade, seguindo então dá início a festa na casa do Imperador onde observamos a presença de músicas e bebidas que são vendidas no local, a festa segue até cerca de cinco da manhã.

A programação continua com a preparação para a saída das Folias na igreja Matriz, a saída para os sertões acontece no final do dia, porém a movimentação da comunidade para esse momento ocorre desde cedo.

Um dos locais mais visitados é as ruínas da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos a mesma foi construída no século XVIII pelos escravos, porém não foi finalizada, ainda resta da sua estrutura suas laterais são os arcos, a igreja é feita totalmente de pedra, elas ainda permanecem intactas, devido a boa conservação da comunidade e visitantes.

No que diz respeito ao templo de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, Messias diz que:

O prédio inacabado terminou em seu abandono durante anos, restando somente o esqueleto arquitetônico do que seria o altar, as paredes laterais, o arco da entrada construído em pedra e tijolinho e os alicerces em pedra. A ruína desta capela tornou-se um dos maiores exemplares símbolos da devoção e um dos principais bens culturais em Natividade, visto que é considerada o cartão postal da cidade, além de ser um espaço onde são realizadas atividades artístico-culturais e eventos populares [...] (MESSIAS, 2010, p.180)

Natividade também chega a ser bem conhecida nacionalmente devido sua gastronomia, o famoso biscoito Amor perfeito que são produzidos pelas mãos da Tia Naninha, são assados em fornos a lenha que ao serem colocados na boca vão se derretendo. A produtora deste delicioso biscoito é a Ana Benedita Cerqueira e Silva apelidada carinhosamente pela comunidade de Tia Naninha, tem 80 anos de idade dona dessa receita que existe a mais de cem anos na cidade, com a fabricação desses biscoitos ela gera uma fonte de renda para custear seu sustento, e além do mais contribuir com um patrimônio imaterial de grande significância não deixando esse valor imaterial acabar.

A romaria do Senhor do Bonfim acontece todo ano de 06 a 17 de agosto, em um povoado que fica cerca de 20 km de Natividade, nesta época milhares de peregrinos deixam suas residências e seguem até o povoado com a intenção de agradecer por uma benção recebida ou paga promessa, é uma das mais tradicionais romarias do Estado do Tocantins.

No dia 15 de agosto em uma missa campal no senhor do Bonfim a programação se intensifica com rezas de terços e homilias, os fiéis fazem filas para rezar, ofertar algo, rezar, acender velas ou até mesmo ofertar algo no ponto mais alto do santuário.

Como aponta Messias (2010, p. 88), os moradores de Natividade participam o ano inteiro de celebrações, festas e folguedos, que simbolizam espiritualmente a vivência do trabalho, da religiosidade, entretenimento e da vida cotidiana. Há inúmeros exemplos de celebrações e manifestações culturais realizadas no espaço urbano e no entorno da cidade, que expressam referências identitárias locais e regionais de significativa importância.

Romana Pereira da Silva nascida em 1941 em um sítio de Natividade, semianalfabeta com muitos anos de trabalho, vidente e artista em 1972 começa a ouvir vozes e ter visões, logo em 1990 começa a produzir suas obras de arte em pedras cangas, chega a ter mais de 5 mil obras há cerca de 40 anos. São as visões que dão instruções de como e quando o trabalho deve ser realizado.

Romana, mulher negra, descendente direta de negros escravizados da região nordeste do Tocantins, nasceu na cidade histórica de Natividade em 22 de fevereiro de 1942, hoje tem 77 anos, e é a filha mais velha de Marcolino e Luzia: casal nativitano muito conhecido pelas pessoas mais velhas de Natividade. A foto envelhecida de seus pais sempre fica no canto direito de sua penteadeira, é uma de suas maiores relíquias, assim como as chaves e fechaduras das portas de sua Casa e galpão, todas feitas pelas mãos habilidosas de seu pai quando ainda se mudou para sua primeira casa, para formar família com seu primeiro marido (BOTELHO, 2019, p. 24).

Ao longo de 40 anos ela construiu um parque com esculturas ao ar livre, produz esculturas e relata viajar a outros mundos desconhecidos, para realização de seus trabalhos em pedras cangas. Quando começou a ter essas visitas teve orientações de que fossem retratados de sua melhor maneira, porém ela não consegue fazer da mesma forma que vê.

Dona Romana leva uma vida dura, de renúncia a muitas coisas. Só faz o que é permitido pelos três curadores, que são os seus guias. Teve de abdicar da vida de casada. Um dia, seu segundo marido retirou-se silenciosamente, cômico de um status impossível de ser mantido. Ela não reclama e mantém o bom humor e um sorriso fácil, mas leva uma vida de certa forma penosa, no mínimo, muito trabalhosa. Tudo no Sítio da Jacuba é concebido e elaborado lá mesmo, das esculturas às roupas que são usadas nos trabalhos mediúnicos. Durante os dezoito dias em que realizei minha pesquisa de campo, foram consumidos 8 sacos de cimento, utilizados para restauro e novas peças. E há o atendimento ao público, acender 27 velas, benzer, fazer garrafadas, presidir o terço diariamente com voz forte, cortar e costurar roupas, administrar a casa e providenciar comida para no mínimo trinta pessoas diariamente, entre residentes, visitantes e parentes. Isso sem contar algumas noites de trabalho intenso fora do corpo físico, segundo conta, resolvendo diversos tipos de situações onde é solicitada a sua intervenção ou ajuda (REIS, 2008, p. 26-27).

Suas esculturas têm uma visão ilustrativa, podemos vê-las no que somente ela conseguiu ver, tornando visível o invisível. Toda sua obra está de acordo com o eixo do planeta terra. As visões de Dona Romana não têm um momento certo de aparecer, independente de dia, horário ou local, elas aparecem a qualquer momento.

Figura 6 - Fundo do quintal no sítio Jacuba



Arquivo: Nara Lopes, 2017.

Ela vive de doações da comunidade, seu acervo fica em casa no sítio Jacuba localizado a cerca de 4km do centro de Natividade, local onde mora com a família. Na sua casa percebe-se uma presença muito forte da fé estampada em suas artes em pedras cangas.

Desse modo, entender Romana Pereira da Silva é entender também a identidade tocaninense, esse complexo processo híbrido que construímos e carregamos em nossos corpos. Uma mulher negra, pobre, semianalfabeta fez e ainda faz muita diferença em todo o Estado, espantando e deslumbrando as mais diversas pessoas. Romana é uma mulher revolucionária! Decifrar, traduzir e entender de fato Romana e toda sua cosmologia e suas formas de comunicação com tudo o que a envolve é a nossa principal meta (BOTELHO, 2019, p. 57).

Por toda sua história de vida, foi homenageada e recebendo um Diploma e a medalha de honra ao mérito “Pio Pinto Cerqueira, em junho de 2007 em Natividade - Tocantins. (REIS, 2008, p. 27).

Segundo Reis, em relação a arte de Dona Romana

Difere de muitas outras manifestações de arte popular encontradas no Brasil, no que se refere a um aspecto fundamental: sua produção artística não é produzida com o intuito de comercialização, mas como imperiosa necessidade interior. Segundo ela, as imagens, ou "aparições", não se ausentam enquanto não forem registradas plasticamente. A totalidade de sua obra permanece no sítio onde mora, onde se originaram e devem permanecer as obras, como explica, por estarem localizados em pontos geográficos específicos, determinados por seus mentores, seres que somente ela vê e ouve (REIS, 2008, p. 6)

No dia 29 de abril de 2017 em uma visita Técnica proporcionada pela UFT (Universidade Federal do Tocantins até a cidade de Natividade, junto com as turmas de Teatro e Filosofia, tivemos a oportunidade de conhecer Dona Romana, ao chegar em seu sítio começamos nossa visita pelas esculturas no seu quintal feitas de pedras cangas. Ela mostrou também um quarto onde ela guarda inúmeras garrafas pets cheia de água, calçados,

roupas e algumas máquinas, livros, brinquedos. Ela ganha esses objetos das pessoas, e informou que chega em sua residência a todo o momento. Adentramos a casa, onde nos mostrou cartolinas que desenha nelas quando veem as imagens na cabeça e também alguns trabalhos que ela faz com miçanga. Em seguida sentamos em uma roda de conversa na mesa dela ao qual comemos um bolo de arroz quentinho, e por ali finalizamos nossa visita.

Assim como nós e demais tocantinenses e brasileiros, a Dona Romana recebe visitas de pessoas de todos os lugares do mundo, desde pesquisadores nacionais quanto internacionais, que se encantam pela sua história de fé e devoção.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, o objetivo foi conhecer a história dos dois municípios, seus processos de tombamento como cidades históricas e seus festejos religiosos. Assim pude trazer um pouco das festas e das tradições das cidades de Monte do Carmo e Natividade – TO, aspectos das festividades que são comuns a elas e o processo de tombamento em Natividade do centro histórico e suas igrejas e a igreja, em Monte do Carmo.

Partiu-se de uma questão norteadora, em que se questionava se as cidades de Monte do Carmo – TO e Natividade - TO possuem festas religiosas importantes para seus municípios e para o Estado do Tocantins? Como hipótese, se confirmou, pois verifica-se ao longo dos anos uma continuidade dos festejos de geração em geração e o crescimento deles a cada ano nas duas cidades.

Como a metodologia foi bibliográfica, estudos de artigos, capítulos de livros, dissertações e teses sobre o tema. Estudar esse tema para mim foi de suma importância para a ampliação dos meus conhecimentos. Antes de entrar na universidade não sabia dizer o que era um tombamento histórico, para que servia e quais eram suas finalidades e seu processo até ser tombado. Igualmente, eu vivia as festas e a religiosidade, mas não compreendia a sua dimensão histórica e cultural.

No processo de evolução deste trabalho de pesquisa e escrita, foi muito importante neste ciclo final, em que tive um conhecimento aprofundado sobre a cultura existente nas duas cidades e com isso enriquecer ainda meus conhecimentos sobre as festas estudadas. Com isso vendo e acompanhando a total importância de um bem tombado para uma comunidade. Foi muito importante passar por todo esse leque de descobertas e ampliar meus horizontes de leituras.

Essa pesquisa não termina por aqui, ainda tem muito a ser estudado e pesquisado, em que podemos aprofundar ainda as pesquisas sobre as cidades históricas que também tem as mesmas festas religiosas e que são tombadas como patrimônio histórico.

Pensando ainda em uma futura investigação sobre os impactos que essas cidades tiveram com essa pandemia, devido as festas nessas cidades serem uma fonte de trabalho e renda para os moradores ou até mesmo pessoas das cidades vizinhas que vinham até a cidade para vender seus produtos.

Termino esse trabalho com um trecho do canto da Folia das mulheres que diz assim:

*“Uma vida prolongada / cheia de gozo e ventura /
É com saúde vigorosa / que o Divino lhe assegura...”*

REFERÊNCIAS

ALVES, Nazareth Gomes. **Elos Perdidos**. Tocantins: Editora Palmas – TO. 2009.

ANPTUR. V Seminário da Associação Nacional de pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. **Turismo religioso: análise e tendências**, 2008.

BALSAN, Rosane, BONFIM, WátilaMislá Fernandes. **As joias de Natividade, Tocantins e suas relações com as festas religiosas e o lugar**. Revista Produção Acadêmica – núcleo de estudos urbanos regionais e agrários/NURBA – vol. 5, 1, 2019.

MESSIAS, Noeci Carvalho. **Religiosidade e devoção: as festas do Divino e do Rosário, em Monte do Carmo, TO**. Goiânia- Góias: Editora Espaço Acadêmico, 2016.

PICANÇO, Valeria Maria Pereira Alves. **Preservação patrimonial x qualidade de vida: avaliação pós – ocupação no programa monumental**. Centro Histórico de Natividade – Tocantins – Palmas – Tocantins: UNB, 2009.171.

PORTO, Marconio Ferreira. **Processo do patrimônio no Tocantins** – Palmas: Universidade de Brasília, 2011.

REIS, Delfina Renck. **Dona Romana de Tocantins: Uma Fantástica Iconografia**. Niterói - Universidade Federal Fluminense, 20018.

SILVA, Marinalva do Rego Barros. **Festas e sociabilidades nos sertões: a rainha Nossa Senhora do Rosário**. São Paulo: Editora Palmas, 2009.

SOUSA, Poliana Macedo. **A festa do divino Espírito Santo: memória e religiosidade em Natividade-Tocantins**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.

SOUSA, Alberto Júnior Carvalho. **Anteprojeto de um centro cultural para cidade de Monte do Carmo – TO**. Porto Nacional – TO. 2017.

SITES CONSULTADOS:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/monte-do-carmo/historico> Acesso em: 26 de agosto de 2021.

<https://www.montedocarmo.to.gov.br/pagina/Historia>. Acesso em: 16 de setembro de 2021.

<https://turismo.to.gov.br/regioes-turisticas/serras-e-lago-/principais-atrativos/monte-do-carmo/> Acesso em: 17 de setembro de 2021.

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/producaoacademica/article/view/7094> . Acesso em: 20 de setembro de 2021.